

Reflexões Iniciais da Literatura Científica em Terapia Ocupacional Sobre Transexualidade*Reflexiones Iniciales de la Literatura Científica en Terapia Ocupacional Sobre Transexualidad**Initial Reflections of Scientific Literature in Occupational Therapy on Transexuality***Marcília Andrade da Silva****Nayara da Silva Costa Maciel****Ingrid Bergma da Silva Oliveira****Débora Ribeiro da Silva Campos Folha**

Resumo: O objetivo do estudo é apresentar uma revisão de literatura científica, do tipo estado da arte, sobre Transfobia, Transexualidade e as intersecções com a Terapia Ocupacional. Foram incluídos estudos etnográficos, revisões da literatura, estudos de caso com a temática Transfobia e Transexualidade em português, espanhol e inglês publicados nos dez últimos anos nas bases SCIELO, BVS, Periódicos da CAPES e Lilacs. Foram selecionados 21 estudos para discussão e análise. Construíram-se reflexões sobre as problemáticas encontradas e os desafios presentes na vivência trans, bem como as lacunas envolvidas no acesso e assistência à Saúde dessa população. Como resultados, a pesquisa proporcionou uma ampliação de perspectivas em diferentes áreas do conhecimento e uma produção diversificada de saberes; observa-se escassez do número de publicações no campo da Terapia Ocupacional. Aponta-se para a importância de abrir diálogos sobre identidades, corpos, participação social e mudanças de realidades.

Palavras Chave: Terapia Ocupacional. Transexualidade. Transfobia.

Resumen: El objetivo del estudio es presentar una revisión de la literatura científica, del tipo estado del arte, sobre Transfobia, Transexualidad y las intersecciones con la Terapia Ocupacional. Se incluyeron estudios etnográficos, revisiones de literatura, estudios de casos con el tema Transfobia y Transexualidad en portugués, español e inglés publicados en los últimos diez años en SCIELO, BVS, Periódicos CAPES y Lilacs. Veintiún estudios fueron seleccionados para discusión y análisis. Se construyeron reflexiones sobre las problemáticas encontradas y los desafíos presentes en la experiencia trans, así como las brechas involucradas en el acceso y atención a la salud de esta población. Como resultado, la investigación brindó una ampliación de perspectivas en diferentes áreas del conocimiento y una producción diversificada de conocimiento, existiendo escasez en el número de publicaciones en el campo de la Terapia Ocupacional. Señala la importancia de abrir diálogos sobre identidades, cuerpos, participación social y cambios de realidades.

Palabras Claves: Terapia Ocupacional. Transexualidad. Transfobia.

Abstract: The objective of the study is to present a review of the scientific literature, of the state of the art type, on Transphobia, Transsexuality and the intersections with Occupational Therapy. Ethnographic studies, literature reviews, case studies with the theme Transphobia and Transsexuality in Portuguese, Spanish and English published in the last ten years in SCIELO, BVS, CAPES Periodicals and Lilacs were included. Twenty-one studies were selected for discussion and analysis. Reflections were built on the problems encountered and the challenges present in the trans experience, as well as the gaps involved in access and health care for this population. As a result, the research provided an expansion of perspectives in different areas of knowledge and a diversified production of knowledge, there is a scarcity in the number of publications in the field of Occupational Therapy. It points to the importance of opening dialogues about identities, bodies, social participation and changes in realities.

Key-words: Occupational Therapy. Transsexuality. Transphobia.

Marcília Andrade da Silva – Terapeuta Ocupacional formada pela UEPA, atualmente mestranda em Antropologia pela UFPA. E-mail: marcilia_andrade@yahoo.com

Nayara da Silva Costa Maciel – Terapeuta Ocupacional formada pela UEPA. E-mail: nayaramaciel@outlook.com

Ingrid Bergma da Silva Oliveira – Docente do curso de Terapia Ocupacional da UEPA, Doutora em Psicologia Clínica (PUC), Mestre em Psicologia Clínica e Social (UFPA). E-mail: luabergma@yahoo.com.br

Débora Ribeiro da Silva Campos Folha – Docente do curso de Terapia Ocupacional da UEPA, Doutora em Terapia Ocupacional pela UFSCar, Mestre em Educação pela UFPA. E-mail: todeboracampos@gmail.com

INTRODUÇÃO

“Podam-se os pelos, os cabelos, os seios, os sonhos e seus desejos. Podam-se as flores, a vivacidade, seus afetos e seus amores” (RODRIGUES e MONZELI, 2016, p. 15).

O corpo vai sendo construído sob um prisma de relações sociais diversas, *“un nudo de estructura y acción”*¹ (ESTEBAN, 2013, p. 23). O conjunto de transformações sociais, culturais e ambientais expostas ao longo dos anos em torno de estatutos relacionados à corporeidade, como, por exemplo, aquelas implicadas em questões de gênero e raça, dentre outros marcadores sociais de diferença e desigualdade, também vão sendo modificados lentamente.

São os sujeitos vivos que vivenciam diariamente a dissonância entre sexo e gênero, não os grupos. Estes são formados por afinidades políticas em busca de direitos, que entram em um conflito baseado na incongruência com o sexo biológico e o gênero a que se sente pertencer, acentua-se o desejo de um corpo – a consciência organiza o agir ético – que corresponda à própria identidade. Além disso, tudo aquilo considerado como desviante ou que foge ao que a sociedade considera normal, ou seja, do que evocamos como dado natural, sofrem situações de opressão, marginalização e assédio (SALLES et al, 2017).

As discussões sobre as formações de corpos e corporalidades nas culturas contemporâneas e suas manifestações entram em cena para desmistificar tendências dualistas naturalizantes, classificatórias e a ideia de objetificação. Percebe-se as marcas do colonialismo na modernidade que são discutidas por Quijano (1992), onde ocorre uma transcendência do colonialismo histórico, para além da teoria, as práticas, estruturas e mecanismos de coerção são rastros dessa experiência remota, que permanece no mundo capitalista colonial moderno.

Nesse sentido, Silva (2012) destaca que inúmeras facetas sobre as identidades pós-modernas partem de uma concepção de alteridade, trazendo também à tona o debate da transfobia² em consonância com o paradoxo gênero-violência, já que ambos lançam olhares às identidades como representações, neste caso, questionando-as a partir de uma visão ocidentalizada, falocêntrica e essencializadora das sociedades. Nesse devir, de acordo com dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA:

O Brasil tem cerca de 209 milhões de habitantes e uma taxa de 30,5 homicídios a cada 100 mil habitantes, a segunda maior da América do Sul, perdendo apenas da Venezuela, com 56,8. Enquanto os Estados Unidos, com população estimada em 327 milhões e terceiro do mundo em mortes de pessoas Trans, apresenta taxa de 4,88 para cada 100 mil habitantes. (ANTRA, 2018, p. 24)

A partir destes pressupostos, o grupo transgênero é mais vulnerável a essas violências que podem ser de natureza física, material, psicológica, verbal e sexual, difundem-se de forma pontual ou contínua, essa última apresenta-se de forma cíclica e constante, produz impactos e consequências de variadas intensidades às mulheres transexuais e corrobora com o surgimento de transtornos psíquicos e danos irreparáveis à saúde física, psíquica e à manutenção da vida.

¹ Um nó de estrutura e ação.

² O conceito de transfobia tem sido mais utilizado dentro dos movimentos sociais, através das redes comunicacionais eletrônicas e digitais. Nomenclatura para denominar a violência específica contra pessoas trans.

Mediante isso, a Terapia Ocupacional enquanto profissão e ciência que aborda o fazer humano, suas dinâmicas e vivências relacionadas a campos vulneráveis da vida cotidiana, tem potencial para desbravar e refletir acerca das produções voltadas para essa temática bem como ampliar práticas e saberes pautados nas questões de gênero-violência-saúde. Inserindo-se como promotora de “diversos espaços de acesso a bens e serviços e em como esses acessos podem promover construção e reconstrução de redes relacionais e de sociabilidade” (MELO, 2016, p. 2).

Nessa direção, optou-se por realizar uma revisão integrativa da literatura, tendo-se como objetivos: a) Discutir o panorama da produção de conhecimento acerca do fenômeno transfóbico na contemporaneidade; e b) Analisar e interpretar a literatura específica sobre as relações entre transexualidade, transfobia e terapia ocupacional nos últimos 10 anos. Assim, o presente trabalho visa analisar as multifacetadas da transfobia e suas intersecções com a Terapia Ocupacional na produção acadêmica.

1. Método

Trata-se de uma revisão da literatura do tipo estado da arte; este tipo de revisão difere da integrativa por focalizar em temas recorrentes, não utilizar critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura, não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas (MORAES, 2015). As revisões do tipo estado da arte tendem a tratar de assuntos mais atuais em contraste com outros, combinando estudos; podem oferecer novas perspectivas ou destacar a área para futuras pesquisas; têm caráter compreensivo a respeito da literatura atual (GRANT e BOOTH, 2009). Conforme o método, a sistematização dos achados é realizada com base no método narrativo e a análise dos dados é realizada com base no estado do conhecimento encontrado e das prioridades para pesquisas futuras encontradas como lacunas (GRANT e BOOTH, 2009). A pesquisa seguiu as seguintes etapas: seleção da questão norteadora da pesquisa; definição do objetivo específico; coleta de dados dentro dos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos; categorização; avaliação dos estudos incluídos; análise dos resultados; e síntese do conhecimento. Como questão norteadora, formulou-se a seguinte questão: Qual a produção acadêmica acerca das temáticas transexualidade e transfobia na literatura científica nos últimos dez anos (2010 - 2020)?

Para a realização do estudo, foram utilizados os seguintes descritores: “terapia ocupacional” em conjunto com “Transexualidade”, “Transfobia” e, no inglês correspondente, “Occupational Therapy”, “Transsexualism” and “Transphobia”. Nos cruzamentos, utilizaram-se os operadores booleanos como “AND” e “OR”.

As seguintes fontes de dados foram consultadas nos meses de outubro a novembro de 2020: 1) Portal de periódicos da CAPES; 2) BVS - Biblioteca Virtual da Saúde; 3) Scientific Electronic Library Online – Scielo; e 4) LILACS - Literatura Latino Americana do Caribe e Ciências da Saúde. Foram determinados como critérios de inclusão aqueles que abordassem a temática da Transfobia com o público de mulheres Trans, estudos correlacionando saúde-educação-Transexualidade-Transfobia, artigos publicados nas línguas portuguesa, inglesa ou espanhola e que estivessem dentro do período estabelecido.

Excluíram-se os artigos que: (72) se voltavam exclusivamente para processo de cirurgias de redesignação sexual e tentativa de suicídio; (74) abordassem a questão do HIV no público referido; (44) processos jurídicos envolvendo nome social e público trans em presídios; (20) infância e

adolescência LGBT; (61) redigidos em outras línguas que não português, inglês e espanhol; (68) publicados anteriormente a 2010; (57) não localizados na íntegra; (24) anais de eventos, dissertações, teses e livros.

Na busca realizada nas bases de dados Scielo e BVS, encontrou-se na primeira varredura um total de 255 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, identificou-se 186 artigos que não se referiam à produção da temática em questão, não foram encontrados na íntegra, divergiam dos idiomas selecionados e estavam fora do período determinado para o estudo, totalizando, assim, 69 artigos selecionados.

Quanto às bases LILACS e Portal da CAPES, foram identificados 975; destes, 527 foram excluídos por não preencherem os critérios de inclusão, 220 foram eliminados por terem artigos repetidos e por não estarem relacionados diretamente à temática. Para a análise final, ficaram 40 artigos; três artigos não possuíam as palavras-chaves definidas, obtendo-se 37 para leitura final.

Desta forma, na terceira varredura contabilizando as quatro bases definidas, 106 artigos compuseram o estudo de revisão integrativa, sendo que 85 artigos foram retirados por estarem duplicados, fora do tema ou serem teses ou dissertações. Para a análise final dos resultados, identificou-se 21 estudos que foram utilizados no artigo. A Tabela 1 ilustra o processo de seleção dos textos na etapa de terceira varredura até a definição final da amostra de artigos analisados neste estudo:

Tabela 1: Bases de dados utilizadas, número e textos encontrados e seleção da amostra final (n=21).

Dicriminação das etapas	Numeração
Total da seleção dos materiais disponíveis no banco de dados Lilacs (20), Capes (17), BVS (11) e Scielo (58).	106
Total de materiais excluídos por duplicidade (51), estarem fora do tema escolhido (33) e serem livros, teses e dissertações (7).	85
Resultado da amostra final.	21

1.1. Análise dos Dados

Após a coleta de dados, foi realizada organização em banco de dados e análise dos resultados encontrados segundo a Análise de Conteúdo de Bardin, que consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos. A análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Partindo disso, 21 artigos foram lidos na íntegra e extraídas informações para a caracterização da produção quanto ao ano de publicação, foco central no método utilizado e ênfase nos resultados e conclusões.

2. Resultados

A partir dos resultados encontrados, somente 2 artigos são de terapia ocupacional. Referente ao idioma, dentre os 21 artigos da coleta, 16 publicações estão em português, 2 em espanhol e 3 em inglês. Dentre as revistas científicas que publicaram sobre o assunto, destacam-se o Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, Revista de Estudos Feministas, Saúde em debate, Revista Trabalho Educação e Saúde, Revista Interface, Cadernos de Saúde Pública e OTJR: Occupation, Participation and Health. Com relação à autoria dos artigos selecionados, observou-se que quatro (19,04%) estudos foram publicados por profissionais da psicologia; outros quatro (19,04%), por profissionais de Enfermagem; dois (9,52%) artigos foram publicados por profissionais e docentes terapeutas ocupacionais; dois (9,52%) artigos do Direito; três (14,28%) artigos de autoria da área das Ciências Sociais; e um (4,76%), publicação de outros campos (artes, letras, educação). A Tabela 2, a seguir, apresenta uma caracterização inicial dos artigos que compuseram a amostra final.

Tabela 2: Descrição dos artigos selecionados por título, indexação, periódico, área de conhecimento e tipo de estudo (n=21).

Artigo	Fonte/Bases de dados	Periódico	Tipo de estudo
Proteção social e produção do cuidado a travestis e a mulheres trans em situação de rua no município de Belo Horizonte (MG)	SciELO	Saúde em debate	Pesquisa qualitativa (entrevistas)
You Have to Wait a Little Longer?: Transgender (Mental) Health at Risk as a Consequence of Deferring Gender-Affirming Treatments During COVID-19	BVS	Archives of Sexual Behavior	Pesquisa qualitativa
Body construction and health itineraries: a survey among travestis and trans people in Rio de Janeiro, Brazil	BVS	Cadernos de Saúde Pública	Estudo piloto (questionário)
INCONFIDÊNCIAS DE ABRIL: Impacto do Isolamento Social na comunidade Trans em Tempos de Pandemia de COVID-19	SCIELO	Psicologia e Sociedade	Pesquisa de abordagem qualitativa, amparada na perspectiva construcionista social

A arte como arma em território hostil: Enfrentamentos nas produções de Lyz Parayzo	SCIELO	Cidades, comunidades e territórios	Análise de obras feitas pela Trans Lyz Parayzo
Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde	SCIELO	Revista Interface	Pesquisa Qualitativa por meio de entrevistas
Necropolítica Trans: Diálogos sobre dispositivos de poder, morte e invisibilização na contemporaneidade.	SCIELO	Contexto Enfermagem	Pesquisa Qualitativa e multicêntrica
A clínica em movimento na saúde de TTTS: caminho para materialização do SUS entre travestis, transsexuais e transgêneros	SCIELO	Saúde em debate	Pesquisa Qualitativa
Na escola se aprende que a diferença faz a diferença	SCIELO	Revista de estudos feministas	História Oral Temática e da Observação Participante
Travestilidade, transexualidade e demandas para a formação de terapeutas ocupacionais	LILACS	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional da UFSCar	Revisão de literatura e levantamento de políticas públicas
O dispositivo da colonialidade de gênero no discurso Transfóbico Online	CAPES	Ráido	Pesquisa de cunho etnográfico virtual
A mulher transexual no discurso contemporâneo: um estudo de caso	CAPES	Demetra	Estudo de Caso
Acesso à Saúde pela População Trans no Brasil: Nas entrelinhas da revisão integrativa	LILACS	Trabalho, educação e Saúde	Mapeamento da literatura
Violência em pares transexuais, transgêneros e intersexuais: uma revisão bibliográfica	CAPES	Saúde e Sociedade	Revisão da literatura

Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova	CAPES	Ciência e Saúde Coletiva	Pesquisa qualitativa
Subjective Experiences of a Cisgender/Transgender Dichotomy: Implications for Occupation-Focused Research	CAPES	OTJR: Occupation, Participation and Health	Etnografia
“Se podrían evitar muchas muertas” Discriminación, estigma y violencia contra minorías sexuales en México	LILACS	Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad	Etnografia
Transfobia Mata! Homicídio e violência na experiência Trans	CAPES	Revista do Curso de Direito- UFMA	Pesquisa qualitativa
Transfobia: contextos de negatividade, violência e resistência	LILACS	Periódicus	Revisão da literatura
Transfobia e racismo: articulação de violências nas vivências de trans	BVS	Diversidade sexual e de Gênero	Pesquisa quanti-qualitativa

Observa-se que a diversidade de profissões envolvidas na pesquisa sobre Transfobia e Transexualidade denota a sua dimensão interdisciplinar e da necessidade de um trabalho conjunto em rede.

Dessa forma, a análise do conteúdo dos resultados fez emergir três categorias, conforme os objetivos traçados, a saber: 1) Transexualidade e Saúde: Transpondo barreiras; 2) Transfobia e mulher trans: ideologia de gênero ou violências mascaradas pelos marcadores sociais; e 3) Aprendendo a ver e ouvir: Terapia Ocupacional em um campo emergente.

2.1. Transexualidade e Saúde: transpondo barreiras

Essa categoria reúne artigos que apontaram para uma série de barreiras socialmente colocadas às pessoas TTT, as quais têm impacto direto sobre a materialização do direito à saúde, bem como à existência de programas e políticas pautados nas especificidades dessa população. A seguir, trazemos os artigos que compõem os resultados a este respeito, destacando os trechos que se referem mais diretamente aos achados desta pesquisa.

Com base na leitura do estudo de Freire (2013, p. 482), “a garantia de direitos à população TTT (...) passa por um atendimento humanizado” configurando o respeito e ao maior conhecimento sobre as especificidades desse público, providenciando estratégias direcionadas ao ingresso pleno no Sistema Único de Saúde – SUS.

Alguns estudos corroboram nesse sentido:

O reconhecimento dos direitos TTT, com preocupações na área da saúde pública, corrobora as demandas relacionadas aos direitos sociais. (FREIRE, 2013, p. 481)

A população TTT, apresenta novos significados, nos quais estão incluídas as dimensões das necessidades de saúde, desde os modos de vida ao acesso às tecnologias, à criação de vínculos afetivos entre usuários e serviços. (FREIRE, 2013, p. 482)

Outros estudos apontam que a compreensão dos direitos da população TTT não é o suficiente para o gozo pleno do acesso à saúde, pois se fazem necessários outros campos para aliar essa ideia:

Reedita-se assim, um problema já conhecido: o distanciamento entre o sistema de saúde e os corpos trans. (JUNIOR e LOPES, 2017, p. 6)

Com tais dificuldades, somadas a tantas outras (como o conservadorismo dos representantes assentados no Congresso Nacional, a desvalorização sociocultural dessa população, a falta de reconhecimento e invisibilidade de suas demandas), pouco se caminhou e o país conta apenas com alguns programas, diretrizes, decretos e leis que, apesar de importantes, não constituem uma agenda mínima compatível. (ROCON et al, 2019, p. 8)

A efetivação no discurso de Rocon (2019), é prejudicada por adversidades além das usualmente conhecidas burocracias. Elas também se encontram nos servidores que atendem o público, como Bento (2011) evidencia no seguinte trecho:

É o heteroterrorismo em pleno processo de funcionamento, interiorizando, reproduzindo-se com toda eficácia. Os divergentes sexuais e de gênero só poderão existir em espaços apropriados, nos compêndios do saber médico, nos espaços confessionais das clínicas. (BENTO, 2011, p. 557)

O conflito do saber médico com as individualidades dos servidores que atendem a população trans aumentam os índices de abusos e violações dos seus direitos, promovendo brechas para maiores agressões e violências dentro do sistema público:

Discute-se a ausência de neutralidade dos trabalhadores da saúde no processo de diagnóstico, de modo que seriam selecionados, para acessar os serviços transexualizadores, usuários/as considerados/as ‘transexuais de verdade’– pessoas trans que correspondessem às perspectivas de gênero da equipe multiprofissional fundadas no gênero binário e heteronormativo. (MIESEN et al, 2020, p. 8, tradução nossa)

Ademais, autores manifestam repúdio e preocupação solene aos indivíduos que necessitam desse atendimento. Sem margem para escolha, recebem insultos, desrespeito, gerando adoecimento e, em casos graves, morte.

Com a possível perda de empregos e renda, acesso financeiro aos cuidados de afirmação de gênero podem ser ameaçados, especialmente quando não há seguro de saúde ou por meio de empregadores. (SILVA, 2012, p.3)

2.2. Transfobia e Mulher Trans: ideologia de gênero ou violências mascaradas pelos marcadores sociais

Esta categoria agrupa os resultados do estudo que sinalizam vulnerabilidades da população TTT para múltiplas violências, muitas vezes motivadas pelos estereótipos sociais e pela historicidade patriarcal e preconceituosa. Abaixo, seguem alguns artigos que ratificam essa questão, com destaque para excertos que traduzem os achados desta pesquisa.

Silva (2012), aponta a violência transfóbica como parte do dispositivo de gênero:

Tal dispositivo, que assenta seu horizonte simbólico em marcos de reconhecimento eurocentrados, significa como não-humanos, abjetos e, por isso, violentáveis, matáveis, sujeitos que performam vivências de gênero e sexualidade em desacordo com ontologias fundadas na suposta coerência compulsória entre sexo, gênero e desejo. (SILVA, 2012, p. 21)

Alguns autores salientam em seus estudos sobre a razão das performáticas de vivência de gênero gerarem grandes reações negativas na sociedade, buscando explicações pautadas na história que a humanidade já percorreu e os conflitos que se intensificam ao longo dos anos.

Embora muitos atos sejam performativos, as inscrições corporais de travestis e transexuais são também entendidas como subversivas, e, essas, portanto, tornam-se indicadores de classificação, hierarquização, ordenação, normalização. É a partir da criação dessas outras possibilidades, da construção de outros modos de ser, que os sujeitos constituem-se e (re)inventam-se. (LONGARA e RIBEIRO, 2016, p. 10)

O embate do que é “normal” e o que é “doença” denota, para os seguintes autores, a existência velada de uma patologização da população trans, onde a busca de obtenção de controle sugere uma ameaça eminente. Essa abjeção do corpo trans reverbera nas violências incessantes desse público, permeando de assédios a homicídios. Os seguintes estudos relatam a realidade da vivência trans, atualmente, frente às violências, assim como a periculosidade direcionada à mulher trans e à mulher trans negra.

A transfobia pode ser compreendida como um conjunto de fatores que agrega preconceito, violação de direitos humanos e fundamentais (como exemplo, a proibição do uso do nome social e da possibilidade de mudança no registro), exclusão estrutural (acesso à educação, ao mercado de trabalho qualificado e ao uso do banheiro correspondente ao gênero), e violências diversas como ameaças, agressões e homicídios. (CRUZ e SOUSA, 2014, p. 16)

O Brasil é responsável por 39,8% dos assassinatos, e por 50% desse crime só na América Latina. Em 2011, 248 pessoas foram assassinadas, sendo que destas, 101 eram brasileiras. (CRUZ e SOUSA, 2014, p. 16)

2.3. Aprendendo a Ver e Ouvir: Terapia Ocupacional em um campo emergente

A terceira e última categoria busca reunir e destacar possíveis contribuições da Terapia Ocupacional neste campo incipiente e relevante para atuação. Trazemos, a seguir, trechos que apontam para algumas possibilidades.

Nos serviços de saúde, a terapia ocupacional surge como um campo em ascensão, preenchendo necessidades ainda vigentes para a população trans, assim como ofertando atendimento além dos hospitais.

Ainda, inserir a temática na formação graduada é se comprometer com a qualificação de profissionais que já estão sendo chamados a intervir com este público nos diferentes equipamentos sociais, sejam públicos ou privados. Além disso, desperta para a possibilidade de ampliação de atuação da profissão, com a incorporação de terapeutas ocupacionais em serviços para além daqueles em que a profissão se insere, tradicionalmente. (JUNIOR e LOPES, 2017, p. 12)

Os autores relatam em seu estudo as possibilidades emergentes de atuação da terapia ocupacional, relacionando injustiças ocupacionais como direcionamento de atendimento terapêutico ocupacional. Logo, o seguinte estudo aponta detalhadamente as possíveis formas de atuação da profissão as quais se sobressaem aos locais usuais de atuação:

No que se refere às intervenções de terapia ocupacional, pressupõe-se que a profissão tem muito a contribuir com esta população, seja na construção de projetos de vida, na ampliação da participação social, no auxílio nas novas atividades/ocupações/afazeres, trabalhando a corporeidade, na luta pela ampliação e na garantia da efetivação de direitos, na interlocução em atendimentos humanizados, independentemente do setor ou do serviço. (JUNIOR e LOPES, 2017, p. 12)

3. Discussão

Ao longo desta pesquisa, é importante apontar e analisar os principais resultados encontrados, como: a quantidade incipiente de artigos de terapia ocupacional dentro dos temas transexualidade e transfobia; análise da necessidade de garantia de políticas e programas de saúde para a população trans com frequentes situações de violação de direitos às quais as pessoas trans são submetidas dialogando com as estratégias para a melhoria da oferta de programas e serviços para esta população; a transfobia constantemente legitimada à mulher trans, somada à rotina de violência e periculosidade; perspectivas da terapia ocupacional frente à população trans.

A partir dos resultados encontrados, apenas 4 artigos de terapia ocupacional foram achados: (1) no ano de 2020, (2) no ano de 2017 e (1) no ano de 2019. Destes, apenas 2 foram utilizados para a pesquisa em questão. Portanto, é possível verificar que a produção científica nacional de Terapia Ocupacional sobre o tema, em periódicos indexados, tem se demonstrado praticamente ausente e instável em relação ao número de publicações, levando em consideração o filtro de 10 anos que foi estipulado.

A compreensão sobre o tema transexualidade e transfobia para o público de terapia ocupacional é decisivo para o melhor atendimento, uma vez que estes profissionais possuem repertório

de atuação validado pelas principais organizações nacionais e internacionais de Terapia Ocupacional. Cabe inferir, portanto, que o aumento de produções científicas sobre o tema ajudarão os profissionais na aptidão para campo de trabalho, manifestando trocas sociais, assim como irá ampliar o cuidado para o referido público trans.

Ao passo que progredia nos resultados, encontrou-se nos estudos uma constante validação dos direitos humanos e institucionais das pessoas trans dentro dos centros de saúde. Denota-se então uma mudança de paradigma, de ações e intervenções na área da saúde que eram anteriormente direcionadas pelo modelo biomédico, e que agora se reformulam e se transformam em práticas pautadas na Política Nacional de Saúde Integral LGBT, direito e respeito ao uso do nome social, carta dos direitos dos usuários do SUS e Política Nacional de Humanização. Destaca-se, nesta pesquisa, a inserção do processo transexualizador no Sistema Único de Saúde sendo um avanço para a população trans brasileira em nível de acesso e tratamento, todavia, a efetivação das políticas vigentes e a dificuldade em colocar em prática tais feitos permanecem como um desafio no campo da Saúde. Logo, outra barreira que precisa ser transposta, também evidenciada pelos resultados desta pesquisa, diz respeito à violação dos direitos das pessoas trans.

Fica evidente que a busca pela garantia do acesso à saúde desta população se apoia na constatação de que ocorre um despreparo ou desrespeito dos trabalhadores da saúde com a população trans, resultando em absenteísmo, em abandono dos tratamentos de saúde em andamento, e resistência em procurar serviços de saúde quando há adoecimento. Necessita-se formular como possíveis estratégias a ampliação do âmbito de ação na perspectiva do trabalho em rede com os programas de proteção e atenção à população trans, para mitigar os danos biopsicossociais.

Para Silva (2012), ao dizer que as expectativas e julgamentos são direcionados a esse público como um potencial de risco à saúde para a minoria trans: a violência transfóbica. A esse respeito, os resultados deste estudo sugerem que a realidade enfrentada pode ser mais cruel do que as palavras que narram a violência contra a comunidade trans.

Ao colocar palavras como ameaça, risco, incoerentes, anormais ou mesmo difusores da desordem direcionadas ao público trans, proporciona-se uma brecha para aliá-los com discursos de ódio, permitindo que sejam cada vez mais violentos e, enfim, reforçando a ideia de normalidade desses atos. No cenário da linguística e da análise de discursos, há inúmeros estudos que apontam a carga semântica dos signos, bem como a ideologia que carregam, a linguagem enquanto expressão e performance revela, ou seja, como forma de ação de sujeitos situados sobre o real, produzindo-o por meio de atos de linguagem, é possível compreender como práticas semióticas de diferentes ordens estão implicadas na elaboração da transfobia, inclusive naquela faceta relativa à patologização de experiências trans, narrativas online e hegemonias heteronormativas nas interações sociais (SILVA, 2019).

Nesse não conformismo com o status quo, busca-se um distanciamento com os modos clássicos da Ciência, uma desobediência epistêmica para uma condição de autoafirmação e reconhecimento do lugar de fala (HATERMANN e MORAES, 2018). Tradicionalmente, teóricos como Foucault constroem o termo instituições disciplinares e biopolíticas como sendo espaços de poder, segregação e de uniformização dos corpos.

O sistema jurídico parte desse pressuposto biopolítico de violação dos direitos humanos fundamentais, como negar a existência de nome social da mulher trans e chamá-la com o nome conferido do nascimento, assim como violências de cunho estrutural, como a exclusão nas áreas

de acesso à educação, qualificação no mercado de trabalho e violências variadas, como as de nível emocional e psicológico, agressões verbais ou físicas, violência sexual e homicídios. Todas conferem crime direcionado à mulher trans ou o público trans no geral, nominalmente conhecido como transfobia (MENEZES, 2018).

Por fim, dados encontrados na pesquisa apontam também para possíveis e necessárias contribuições da Terapia Ocupacional enquanto uma ciência que abarca aspectos gerais e específicos da população trans. Mesmo sendo um campo em ascensão, o espaço para a atenção básica, tratamento e manutenção da saúde desse público está cada vez mais amplo e necessitando de foco e cuidado humanizado. Nesse sentido, os resultados sinalizam a emergência de amenizar os efeitos do processo de isolamento social dessa população frente aos desafios vividos diariamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do tipo estado da arte sobre a temática permitiu localizar o conhecimento formado com base na temática escolhida e apresentou resultados diversos referentes à população trans. Dos 21 estudos analisados, em sua maioria, relataram algumas lacunas ainda existentes na assistência e acesso desse público aos serviços de saúde e as dificuldades presentes na vivência trans como o preconceito, discriminação e violência.

Diante das lacunas apresentadas para o diálogo e concretização de ações mais integrais à Saúde Trans, é importante destacar o papel dos profissionais de saúde, em particular, dos terapeutas ocupacionais, no sentido de iniciar mais práticas e projetos voltados a esse contexto, o fomento a mais pesquisas buscando ampliar a literatura, trocas sociais e a valorização da diversidade de gênero. Dentre os desafios, destaca-se a escassez de trabalhos publicados na área da Terapia Ocupacional, carência de estudos voltados para práticas despatologizantes com pessoas transexuais envolvendo arte-cultura e à falta de capacitações para profissionais acerca das particularidades latentes na experiência Transexual. Em suma, a quebra de paradigmas para construção de uma sociedade mais justa, respeitosa e inclusiva é um trabalho complexo que demanda estruturação e convergência para diálogos entre serviços, políticas e instituições com a finalidade de formar uma rede conjunta. Nesse sentido, trazer essa discussão à tona é abrir caminhos para pensar identidades e corpos constantemente violentados, deslegitimados, é modificar condições de vida e lutar pela expressão e democracia.

REFERÊNCIAS

- ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais. *Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017; 2018*. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violencia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>>. Acesso em: 12 maio. 2022.
- BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Florianópolis: *Estudos Feministas*, 2011, 336 p.
- BENTO, B. Sexualidade e experiência trans: do hospital à alcova. São Paulo: *Ciência e saúde coletiva*, 2012, p.2655-2664.
- BOIVIN, R.R. “Se podrian evitar muchas muertas” Discriminacion, estigma y violencia contra minorias sexuales en México. México: Sexualidad, Salud y Sociedad - *Revista Latinoamericana*, 2014.
- BENTO, B. *Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, Rio de Janeiro: Garamond, 2006, 256 p.
- CRUZ, M.S.; SOUSA, T.S. Transfobia mata! Homicídio e violência na experiência trans. São Luís: *Revista do curso de direito*, n. 8. 2014. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/article/view>>. Acesso em: 20 abril. 2022.
- ESTEBAN, M.L. *Antropologia del cuerpo*. Barcelona: Bellaterra, 2013.
- FREIRE, E.C.; ARAÚJO, F.C.A.D.; SOUZA, A.C.; MARQUES, D. A clínica em movimento na saúde de TTTS: caminho para materialização do SUS entre travestis, transexuais e transgêneros. Rio de Janeiro: *Saúde em debate*, 2013,477-484.
- GRANT, M.; BOOTH, A. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information and Libraries Journal*, 2009, p. 91-108.
- HATERMANN, Gabby.; MORAES, Irislane Pereira. Contar Histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. Minas Gerais: *Vestígios- Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v.12, n.02, 2018.
- JÚNIOR, J.D.L.; LOPES, R.E. Travestilidade, transexualidade e demandas para a formação de terapeutas ocupacionais. São Carlos: *Cad. Bras. Ter. Ocup*, v. 25, n. 3, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1060>>. Acesso em: 04 jun.2022.
- LONGARAI, D.A.; RIBEIRO, P.R.C. Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção de feminilidade. Florianópolis: *Estudos Feministas*, 2016, 398. Disponível em: setembro/dezembro/2016. DOI:<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584_2016v24n3p761>. Acesso em: 13 maio. 2022.
- MENEZES, L.M.J. Transfobia e racismo: articulação de violências nas vivências de trans. *BIS, Bol. Inst. Saúde*. vol. 19, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/09/1016512/bis-v19n2-diversidade-62-76.pdf>>. Acesso em: 10 abri. 2022.
- MIESSEN, A.I.R.V.D.; RAAIJAMAKERS, D.; GRIFT, T.C.V.D. “You Have to Wait a Little Longer”: Transgender (Mental) Health at Risk as a Consequence of Deferring Gender-Affirming Treatments During COVID-19. *Archives of Sexual Behavior* (2020) 49:1395–1399. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10508-020-01754-3>>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- MORAES, M. *Tipos de revisão da literatura*. São Paulo: Biblioteca Dante Moreira Leite, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/HzsR8s7byqZSJdHZBwSGpWq/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

QUIJANO, Aníbal. A Colonialidade do saber: eurocentrismos e ciências sociais. *Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ROCON, P.C.; SODRÉ, F.; RODRIGUES, A.; BARROS, M.E.B.; WANDEKOKEN, K.D. *Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo Transsexualizador do Sistema Único de Saúde*. Botucatu: Interface, 2019.

RODRIGUES, A.; MONZELI, G.A. *A Política no corpo: gêneros e sexualidades em disputa*. 1a ed. Vitória: EDUFES, 2016, 360 p.

SALLES, D.G.; GONÇALVES, G.S.; ARAÚJO, L.D. *A Transsexualidade na literatura científica das ciências da Saúde*. Londrina: Inf. Inf. 2017, p.1-28.

SILVA, D.C.P. *O dispositivo da colonialidade de gênero no discurso transfóbico online*. Universidade Federal da Grande dourados, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.30612/raido.v13i33.9767>>. Acesso em: 10 maio.2022.

SILVA, D.C.P. (META) *Pragmática da Violência Linguística: Patologização da Vida Trans em Comentários Online*. Campinas: Trab.ling.Aplic, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/HzsR8s-7byqZSJdHZBwSGpWq/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 29 jun.2022.